

as três qualidades atômicas fundamentais: atividade, reatividade e recapitulidade. No curso da argumentação, passando da física, através da biologia, ao campo das manifestações psíquicas, discute “a natureza e atividade do quant e do próton e életron em face do átomo e da molécula, o papel, do átomo hexa-eletrônico na irrupção da dinamomatéria e do contínuo tempo-espaço, bem como o ulterior desenvolvimento complementar de seus aspectos em cristais, agregados e corpos, e, ainda, a sua integração em células, tecidos e organismos e seu comportamento atômico, (...) a sua progressiva diferenciação em tecidos nervosos e sistemas neurocrínicos como aparelhamentos cosmo-terrestres de transformação e a continuidade dessa conjunção sinérgica de caráter único na existência do corpo vivo até a sua mais alta diferenciação nos homínidas” (pp. 146-147), daí tirando a conclusão, considerada irrefutável do ponto de vista lógico, de haver correspondência, no tocante à especialização terrestre, entre o aspecto psíquico do mundo biótico e o energético do mundo cósmico.

Quanto ao caráter da exposição, frisa o autor que o seu raciocínio tem a pretensão de avançar por terreno virgem adentro, não devendo ser tomado como simples passos preliminares em direção duma “hipótese de trabalho” ou como “tentativa de interpretação”. “Mal se pode, entretanto, dizer que uma psicologia atômica tenha começado, e ela pode ainda reclamar o trabalho de gerações inteiras. Pois, por singelo e simples se nos afigure o todo, os pormenores, complicadíssimos desde o princípio, vão se multiplicando de forma estonteante” (p. 150).

Diante da originalidade dos pensamentos e do extraordinário cabedal de dados das diversas ciências naturais que lhes serve de base e condição, serão pouco numerosos, por ora, os leitores capazes de acompanhar, com crítica construtiva, a obra de estréia dessa “psicologia atômica”. De qualquer forma, a apreciação crítica não pode deixar de aplaudir o ativo espírito pioneiro disposto a encarar novas realidades, qual seja a pesquisa atômica, como fator vitalizador de outras disciplinas, chamando a si a tarefa de investigar as correlações interdisciplinares. E se acaso o audacioso avanço de von Eickstedt não se resume no “filho predileto” de um pesquisador, se acaso lhe inere a significação de um pensamento fadado a fazer escola e a fazer história, já agora se pode dizer, no que respeita à Ciência do Homem, que as perspectivas revolucionárias se farão sentir em primeira linha numa reformulação de problemas e objetivos da antropologia física, repercutindo somente de maneira mediata no domínio da antropologia cultural.

*E. A. von Buggenhagen*

ILSE SCHWIDETZKY: *Das Problem des Völkertodes*. Eine Studie zur historischen Bevölkerungsbiologie. VII, 165 págs. Ferdinand Enke Verlag. Stuttgart, 1954. (Broch. DM 12.—; encad. DM 14,60).

Trata-se de uma bela contribuição à ciência. A formulação precisa e bem orientada do problema, aliada à extraordinária competência científica da autora, não podia deixar de levar aos resultados abundantes e sobremodo sugestivos que o trabalho encerra.

Na composição “Völkertod” (morte dos povos), o conceito de morte, emprestado à esfera biológico-individual, é preliminarmente submetido, com arte e perícia, a um exame crítico tendente a torná-lo prestável para

a discussão que constitui o objeto do livro. "Não há, na esfera do social, uma extinção súbita de funções, através da qual também as partes percam o caráter do que é vivo. Para quaisquer grupos sociais, inclusive os povos, "morte" não pode ser outra coisa senão o fato de já não existir nenhum indivíduo que dêles faça parte; os primitivos portadores das funções grupais podem morrer uns após os outros, mas podem também entrar em outras ligações sociais". (P. 3) No plano teórico seria imaginável e existência, ainda hoje em dia, de representantes biologicamente puros de povos extintos, como o sejam os assírios, os helenos, os romanos, os fenícios, os aztecas, os visigodos, os vândalos, os tasmanianos; o fato de sobreviver na caudal biológica da humanidade, de mistura com outros elementos, um elevado contingente dos portadores de culturas extintas é coisa que não se discute; falar da morte de povos em sentido radical, como cessação da reprodução dos membros de uma etnia, é absurdo. Mas embora "morte de povos" não signifique, de um lado, a morte de todos os indivíduos constitutivos do grupo étnico, nem, do outro, a extinção de seus representantes, enquanto reprodutores — o conceito não deixa de ser útil e mesmo valioso para a bio-antropologia, na medida em que vem a significar o conjunto dos fenômenos de decadência que na existência dos povos possam ser caracterizados como de natureza biológica em sentido restrito ou lato. Com efeito, é este o objetivo da autora: descobrir regularidades biológicas ou de condicionamento sócio-biológico ligadas à decadência étnica.

Traçando de início a biografia de alguns povos dados como extintos pela história, a autora o faz no intuito de pôr em relêvo is aspectos significativos para a consideração biológica. Sobre a base desse material consegue distinguir oito "mecanismos da decadência dos povos": 1) decréscimo da população, 2) mortalidade e extinção violenta dos povos, 3) dispersão, 4) retrocesso da natalidade, 5) extinção das elites, 6) miscigenação e mudanças de classes, 7) dissimilação étnica, 8) o problema da decrepitação dos povos. A conclusão a que chega é formulada de maneira bem cautelosa: não se há de falar em morte étnica no sentido de seu desaparecimento, causado, quer pela totalidade, pela maioria ou apenas um dos mecanismos apontados; estes, ao contrário, são fenômenos típicos, cujo papel, de caso em caso e em participação variável, decorre de fatores de decadência de natureza diversa. Cada povo tem a sua morte própria, peculiar e inconfundível — princípio fundamental que não se deixará de reconhencer no esforço de determinar os mecanismos de decadência responsáveis pela extinção da unidade.

Em duplo sentido o trabalho testemunha a capacidade científica da autora. Em primeiro lugar, pela maneira expedita e diligente com que reúne, para torná-lo aproveitável, o material fragmentário e disperso relativo a um período de vários milênios. A forma tradicional de se tratar com "genial" displicência o passado de séculos e até de milênios, a interpretação dos processos demográficos pelo prisma de valorações grosseiramente unilaterais, aliadas à falta de compreensão pelos fenômenos de população em geral, negligenciando o registro das verdadeiras ocorrências, criaram uma situação realmente problemática, superada, neste trabalho, pela sagacidade e laboriosidade da autora. É notável também, em segundo lugar, a consciência de método, que não perde de vista a diversidade dos aspectos focalizados na pesquisa. "À semelhança do que se dá no estudo do indivíduo, cujos diferentes aspectos se investigam com auxílio de outros tantos métodos, dividindo-se entre a anatomia, a fisiologia e a psicologia a pesquisa do "indivísivel", o estudo dos povos deve primeiro seguir caminhos vários, a fim de chegar a resultados limpos e bem fundamentados. (P.10). Enquanto comunidades de casamento e re-

produção, os povos são igualmente fatos da natureza, mas, em sua estreita interação, constituem também uma realidade de ordem superior: configuração espiritual e criação da vontade. Embora entendendo assim, em seus justos termos, a proporção etno-biológica, em outro setor a autora, por outro lado, não deixa de penetrar em zona crítica. É que a maioria dos mecanismos de decadência não é de natureza biológica, mas social; são representações e atitudes ligadas à existência social, como a da limitação da natalidade, que, por seu turno, determinam o curso biológico da vida dos povos. Ao contrário do animal, o homem, como indivíduo e como grupo, é o ser que não sofre apenas o seu processo vital, explicável por via biológica, mas que também o promove e orienta neste ou naquele sentido. Todavia, essa ordem de cogitações conduz a uma questão fundamental, a de se saber até que ponto é possível uma etno-biologia histórica que não deva ser substituída por uma história social e cultural concernente a fenômenos biológicos.

Quanto ao conteúdo, o trabalho se caracteriza pela largueza do horizonte, por uma série de resultados positivos e, ainda, por numerosas observações particulares altamente sugestivas. Cumpre salientar que os resultados excedem em muito, quanto à importância, a explicação da morte dos povos. Esta é um simples fenômeno marginal, que tem ocorrido uma vez ou outra na existência da humanidade. A regra é que os povos não morrem, se bem que a maioria dos grupos étnicos sofra, no correr dos milênios, profundas transformações em sua estrutura cultural, social e biológica. E a discussão de Schwidetzky não explica apenas a morte histórica de determinadas etnias; põe a descoberto também as fases dos fenômenos de decadência que, sendo de natureza biológica, se manifestam no decorrer da vida de quaisquer povos.

*E. A. von Buggenhagen*

WILLY HELLPACH: *Mensch und Volk der Grosstadt*. 153 págs. Ferdinand Enke Verlag, Stuttgart, 1952. Preço: Er. DM 12.—, enc. DM 14.70.

O livro deste cientista multi-versado e vivaz é sugestivo como a maioria das suas obras, prendendo a atenção do leitor não só pelo conteúdo, como também pelo modo de formular e coordenar o material.

O fato de se tratar de uma contribuição alemã para o estudo científico dos grandes centros urbanos talvez possa aumentar o interesse da obra. Esse estudo teve nos últimos vinte anos uma história peculiar. Durante treze anos, realizou-se sob o controle, senão mesmo sob a pressão de poderes políticos. A circunstância de terem sido destruídos os objetos da investigação, a própria cena da existência metropolitana, talvez não tenha deixado de influir, decisivamente, na maneira de tratar o assunto.

A pesquisa científica dos grandes centros urbanos só pode ser realizada, segundo Hellpach, mediante o recurso a diversas disciplinas complementares. Essa idéia, hoje corriqueira ("interdisciplinary research"), é acentuada de modo particular em face da deplorável circunstância de ter sido posta de lado na criação da ciência do jornalismo. É a união de várias ciências especializadas, a "Universitas Litterarum", mormente de geopolítica, psicologia social, ciências econômicas, antropologia, meteorologia, climatologia, física, etnologia, higiene, estatística, folclore, genealogia, etc., a única forma de se conferir consistência a esse tecido produzido conforme padrões tão diversos.

Servindo-se de amplo acervo de conhecimentos e resultados das ciências mencionadas, o autor consegue apresentar considerável variedade de